



Eixo 4 - Ciência da Informação: diálogos e conexões

Modalidade: trabalho completo

## **Implantação da Biblioteca Comunitária São José: relato de experiência na seleção, organização e tratamento da informação**

*Implementation of the São José Community Library: An Experience Report on the Selection, Organization and Processing of Information*

**Luciana Candida Silva** – Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Andrea Pereira dos Santos** – Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Filipe Reis**

**Laís Pereira de Oliveira**

**Resumo:** Apresenta um relato de experiência da estruturação da Biblioteca da Comunidade São José, em Aparecida de Goiânia, GO. Constitui-se como relato de experiência, pois demonstra de um modo geral a seleção, organização e tratamento da informação desta unidade de informação. O desenvolvimento do projeto revelou a necessidade de adaptação de sistemas de ordenação documentária para o tipo de público da biblioteca. Essa adaptação adotou figuras e cores para o ordenamento e para facilitar o acesso dos usuários aos materiais. Conclui-se que a adaptação do sistema de ordenação e padronização do processo de representação descritiva foram fundamentais para a implantação da biblioteca comunitária, uma vez que foram pensadas para um público específico, considerando o nível de escolaridade da comunidade, deixando a recuperação da informação mais simples.

**Palavras-chave:** Biblioteca comunitária. Indexação de assuntos. Ordenação de documentos. *Resource Description and Access* (RDA). Catalogação descritiva.

**Abstract:** This is an experience report on the structuring of the São José Community Library in Aparecida de Goiânia, GO. It constitutes an experience report as it generally demonstrates the selection, organization and processing of information in this information unit. The development of the project revealed the need to adapt document ordering systems to the library's target audience. This adaptation employed figures and colors for ordering and to facilitate users' access to materials. It is concluded that the implementation of the community library is essential for the local public to have access to reading practices facilitated by the presence of a unit in their own space of belonging.

**Keywords:** Community library. Subject indexing. Document ordering. *Resource Description and Access* (RDA). Descriptive cataloging.



## **1 INTRODUÇÃO**

A biblioteca comunitária pode ser definida como espaço social, cultural e educacional que tem por objetivo o atendimento às necessidades informacionais e mediação de práticas de leitura. Ela se difere da biblioteca pública, em termos organizacionais, pois em geral ela não é gerida por um órgão governamental. Neste sentido, ao pensar na estruturação de uma biblioteca comunitária, a primeira questão a ser observada é a especificidade do público a ser atendido por tal instituição.

No caso da Biblioteca da Comunidade São José (CSJ), ela está sendo estruturada no espaço físico de uma igreja católica localizada em Aparecida de Goiânia, no Estado de Goiás. Trata-se de um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal de Goiás e coordenado por docentes do Curso de Biblioteconomia, a partir do apoio do Laboratório de Estudos e Práticas em Organização e Representação da Informação (Labore), Laboratório Lubetzky e Laboratório de Processos, Produtos e Instrumentos de Tratamento Temático da Informação (LAPPITTI), além da participação de discentes enquanto estagiários.

O seu público-alvo são as crianças e adolescentes que frequentam a catequese, porém alcançando também moradores de bairros próximos à igreja, sendo ou não pertencentes à religião. Trata-se de uma comunidade periférica, majoritariamente de baixo poder aquisitivo e pouco acesso à biblioteca pública municipal. Como há muitas crianças e adolescentes que frequentam a catequese, priorizou-se um acervo de livros infantis e juvenis, porém, contendo também outros tipos de obras literárias.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é apresentar um relato de experiência da estruturação da Biblioteca da Comunidade São José em Aparecida de Goiânia-GO. De forma específica, pretende-se apresentar uma breve descrição da seleção de acervo da biblioteca; seu sistema de sinalização por cores e figuras elaborados especificamente para este projeto; o sistema de gerenciamento de acervo escolhido e, um breve resumo de diretrizes para registro de autoridades e dados bibliográficos.

Trata-se de um relato de experiência qualitativo, em que são apresentados os resultados relativos à estruturação da biblioteca alcançados até o momento. Essa estruturação se deu a partir da definição do acervo, em seguida pelo estudo de um

sistema de ordenação documentária adaptado à realidade específica da comunidade, às diretrizes para cadastro de autoridades, à catalogação e, por fim, ao planejamento de ordenamento do acervo.

## **2 METODOLOGIA**

Este estudo, de acordo com Gil (2019), trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa, do tipo descritiva e bibliográfica, que teve como objetivo apresentar as etapas do desenvolvimento técnico de uma biblioteca comunitária no interior do estado de Goiás. Isso porque, conforme Gil (2019), o relato de experiência é um tipo de pesquisa que busca narrar e analisar situações reais, geralmente a partir da perspectiva dos próprios participantes. Assim, procedeu-se à descrição da seleção, organização e tratamento da informação da Biblioteca Comunitária São José (CSJ).

A literatura consultada para subsídio da pesquisa bibliográfica foi recuperada no acervo físico da biblioteca da UFG e nas bases de dados Scielo e BRAPCI. Para este estudo, não foi delimitado um recorte temporal, e os termos de busca consistiram nos temas de cada etapa do desenvolvimento técnico, sendo RDA e código de catalogação, ordenamento de documentos e indexação ou tratamento temático da informação. Não houve a pretensão de apresentar uma revisão de literatura exaustiva, sendo o foco no relato de experiência das autoras e do autor.

A etapa de seleção teve por base os preceitos teóricos de Milanesi (2002) em relação ao conceito de público. E, apesar do acervo ter sido constituído por doações, houve um cuidado de se inserir no acervo materiais que pudessem ser de interesse tanto do público infantil e juvenil, quanto adulto.

A etapa de indexação se estabeleceu pela sistemática de inclusão de um termo para representação do gênero da obra, seguido por outros termos caracterizadores do assunto intrínseco do livro propriamente dito. Para tal, instituiu-se a política de utilização de dois a quatro termos de indexação para cada obra catalogada. Especificamente no que concerne a essa etapa, destaca-se o desafio de análise contínua do escopo das obras que integram o acervo, constatando a presença de novos assuntos e desdobramentos dos gêneros que possam exigir ampliação da perspectiva indexadora ora colocada em prática.

A etapa de representação descritiva da informação reflete os estudos realizados entre os anos de 2021 e 2023 no Laboratório de Estudos e Práticas de Organização e Representação da Informação (Labore) da UFG. Foram registradas aproximadamente 500 (quinhentas) obras, contemplando seus aspectos descritivos e as autoridades de nomes de pessoas. Na ocasião, os testes foram baseados nas normas de catalogação RDA e MARC 21 para dados bibliográficos e de autoridades, e o software adotado foi o Koha. Atualmente, a base de dados encontra-se sob a responsabilidade do projeto CSJ.

A ordenação de metadados e de documentos tem as funções de proporcionar um modo de leitura, ajudar na localização de documentos e fazer a gestão do acervo. A etapa da sistematização de ordenação dos documentos possibilita um arranjo com especificações de marcas de classificação e suas respectivas sinalizações. Foram estabelecidos quatro níveis de leitura com sinalizações de cores diferentes. Além disso, definimos classes de gêneros literários associadas a cada nível de leitura. A partir dessas definições, indicamos símbolos e marcas alfanuméricas para representar e ordenar os documentos.

### **3 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA**

A biblioteca comunitária pode ser definida, segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 49), como “biblioteca pública que prevê serviços de referência e de empréstimos, aconselhamento e outros serviços a uma comunidade específica”. Existe um debate acerca do conceito de biblioteca comunitária e sobre qual seria a expressão que melhor definiria tal conceito. Machado (2009), a partir de diversos autores, discute o uso correto do termo, bem como o conceito de biblioteca comunitária, havendo controvérsias entre teóricos da área.

A partir da definição de Cunha e Cavalcanti (2008), para este estudo, optou-se pelo uso do termo 'biblioteca comunitária', pois, apesar de ser uma unidade de informação estruturada dentro de uma instituição (igreja), trata-se de uma biblioteca pensada para a comunidade local, e é essa comunidade que tomará conta deste espaço.

A biblioteca comunitária é um equipamento cultural que tem como premissa a democratização do acesso à leitura e à informação para um grupo desfavorecido tanto em seus aspectos sociais e financeiros quanto culturais. Para Cavalcante e Feitosa (2011,

p.124), o Brasil encontra-se em um momento particularmente desafiador: crescimento econômico, visibilidade internacional, experiências políticas inovadoras, bem como articulações de políticas públicas federais e estaduais que, entre outras coisas, se voltam para o empoderamento da sociedade civil no âmbito da cultura e da educação.

Por outro lado, ele ainda não consegue romper com problemas básicos indispensáveis ao desenvolvimento. Entre eles, a baixa qualidade da educação pública comprovada pelos índices apresentados em pesquisas nacionais e as desigualdades sociais, presentes tanto nas zonas urbanas mais desenvolvidas quanto nas áreas rurais mais pobres. De acordo com Gotti (2019), “o Brasil possui quase 12 milhões de analfabetos e mais da metade dos adultos entre 25 e 64 anos não concluíram o Ensino Médio”. A biblioteca comunitária pode auxiliar na situação presente deste percentual, pois gera oportunidades de se ter acesso à informação e às práticas de leitura.

Além disso, cada biblioteca comunitária apresenta características específicas, a depender do público da região atendida.

Geralmente, as bibliotecas comunitárias surgem porque a população de alguma forma almeja transformar seu espaço, quase sempre marcado pela violência, jovens envolvidos com drogas, desemprego, precariedade nos serviços de saúde, educação e cultura. Levar informação através do livro, da leitura e atividades culturais a essas comunidades marcadas por privações de todos os níveis, e apontar um caminho diferente à marginalidade. É contribuir para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e de uma comunidade mais próxima da cidadania (Botelho, 2012. p.54).

Tendo em vista que as bibliotecas comunitárias contribuem com a sociedade em sua volta, elas devem visar de alguma forma compensar a lacuna deixada pelo poder público no sentido de proporcionar o acesso à leitura.

[...] outro fator importante é a contribuição das bibliotecas comunitárias como apoio à educação. Isso se dá pela grande procura do alunado escolar a essas bibliotecas, podendo assim encontrar um local de apoio às suas pesquisas escolares de complemento ao que é visto em sala de aula. Isto constitui fator importante, sobretudo nas comunidades distantes das bibliotecas públicas e que possuem escolas sem bibliotecas ou em condições inadequadas (Botelho, 2012. p. 55).

Assim, a biblioteca pode oferecer, com ajuda da universidade, leituras e oficinas que desenvolvam práticas de leitura, interferindo positivamente no cotidiano das crianças, jovens e adultos. Para que seja possível atender o propósito da biblioteca comunitária, apresenta-se a seguir as etapas de constituição e organização do acervo.

#### **4 SELEÇÃO DE ACERVO**

Para Milanesi (2002) quando se trata de informação para o cidadão comum, heterogêneo, que não tem consciência da informação que necessita, o acervo precisa levar em consideração o público em potencial. No caso da biblioteca da Comunidade São José, o principal público em potencial são as crianças e adolescentes que frequentam a catequese, especialmente aos finais de semana. São também potenciais usuários os pais e familiares que levam as crianças e os adolescentes e que permanecem no salão de espera.

Pensando nisso, priorizou-se um acervo infantil e juvenil como uma forma de instigar, principalmente, os frequentadores da catequese às práticas de leitura. Entretanto, há também livros que podem ser de interesse da população adulta, apesar de que a literatura infantil e juvenil acaba por encantar qualquer público.

O acervo foi constituído por doação. A maior parte dessa doação foi a partir do envio, pelo Projeto Itaú Cultural, de um acervo rico em literatura infantil e juvenil. Outra parte do acervo foi adquirido a partir da doação de pessoas simpatizantes com o projeto.

No momento, o acervo é constituído por livros infantis e juvenis, gibis, histórias em quadrinhos (HQs) e outros livros de literatura voltados às pessoas adultas.

#### **5 ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO**

Em que pese a preocupação das diversas áreas com a produção de conhecimento e sua organização, há também a necessidade de adequação dessa organização como forma de recuperar e divulgar posteriormente tal conhecimento (Tristão; Fachin; Alarcon, 2004). Nesse sentido, os diversos tipos de acervos precisam ser considerados, dentro da realidade contextual das bibliotecas que integram.

O nível de tratamento da informação diz respeito aos esforços em prol da leitura técnica das obras que integram um acervo, para fins de constituição de representações descritivas e temáticas que expressem seus atributos. Como destacam Saldanha, Sales e Café (2020), o termo tratamento da informação é de uso frequente no contexto brasileiro.

Também associado à ação de processamento técnico, o tratamento da informação integra, na perspectiva apontada por Dias e Naves (2013), um subsistema

documentário. Este, por sua vez, subdivide-se em: subsistema de entrada e subsistema de saída e, justamente no primeiro, acontecem os procedimentos de desenvolvimento de coleção, tratamento e armazenagem da informação.

Martínez-Ávila e Gracioso (2020, p. 51) caracterizam o tratamento da informação como “um conjunto de ações, vinculadas a Organização do Conhecimento e da Informação, voltadas a análise, representação, descrição e síntese da informação, em ambientes sistêmicos”. Permite, com isso, prever meios para que a recuperação aconteça, uma vez que formas sistemáticas de ordenação dos acervos (Vieira *et al.*, 2020) acabam desenvolvidas nessa conjuntura.

Neste tópico apresentamos a descrição de como o tratamento técnico do material deve ser realizado, visando a padronização e o cumprimento de todas as etapas de organização e descrição das informações.

### 5.1 Indexação

A indexação é realizada utilizando palavras-chave que descrevam da melhor forma possível o tema e assunto dos livros. Na Biblioteca Comunitária São José são utilizadas em média quatro palavras-chave, e no mínimo duas palavras. A primeira palavra-chave sempre identifica o gênero, sendo, portanto, “juvenil” ou “infantil”. Já as outras palavras visam identificar melhor do que se trata o livro, além de esclarecer se é um livro de contos, mistério, fantasia, suspense, romance, história em quadrinho, histórias variadas, aventuras, informativos, poemas.

São exemplos de palavras muito utilizadas na indexação: “família”, “animais”, “descobertas”, “infância”, “diversidade”, “preconceito”, “escola”, “bullying”. Temas muito recorrentes tratam sobre “índios” e “indígenas”, sobre “divórcio”, ou, ainda, que retratem “sentimentos” e outras culturas, sendo a cultura africana muito citada.

### 5.2 Ordenação documentária

A ordenação é uma maneira pela qual diferentes partes ou estruturas de um organismo são arranjadas ou organizadas. Em síntese, a ordenação é:

[...] o processo em que documentos e metadados de documentos são dispostos segundo certos atributos escolhidos como critérios ordenadores, resultando na proposição de um arranjo, de uma estrutura coerente para essa coleção em relação direta com o espaço de disponibilização e as formas de acesso (Ortega, 2020, p. 104).

Os autores delimitam a ordenação dos documentos e dos metadados de documentos. A ordenação dos documentos pode ser tanto a ordenação de documentos nos espaços físicos de um ambiente como a ordenação de informações representativas dos documentos, produzidas na forma de pontos de acesso aos registros dos documentos. Podemos notar essa ordenação de metadados nas bibliografias impressas, fichas de catálogos de bibliotecas, índices de busca de bases de dados e estruturas hierárquicas de navegação em documentos eletrônicos (Silva; Carvalho; Martin; Ortega, 2020).

A ordenação abrange questões histórico-conceituais e instrumentais, como ocorre em todo o processo documentário. As funções da ordenação são identificadas como: modos de leitura, localização e gestão. Em ambos os tipos de ordenação, sobre documentos e sobre metadados de documentos, podem ser usados os métodos cronológico, alfabético e classificatório. Quanto à questão instrumental, para a ordenação de documentos, foi proposto e amplamente disseminado o número de chamada, que é uma notação, composta geralmente por número de coleção, número de classe e número de livro. A notação de autor, que compõe o número do livro, pode ser construída a partir de tabelas como a de Cutter/Cutter-Sanborn, Biscoe, Ranganathan, Barden, Lehnus, PHA, ou pelo uso da menção nominal (Silva; Carvalho; Martin; Ortega, 2020).

Tem-se, pois, o princípio adotado na estruturação de uma notação, como elemento-chave para que o acervo seja ordenado na guarda e arquivamento e, substancialmente, para que seja localizado *a posteriori*.

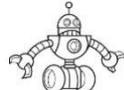
A sinalização principal utilizada na Biblioteca Comunitária São José é a de cores, em que:

- **Cor amarela** – representa os livros com nível de leitura fácil (livros em que predominam os desenhos e que possuem textos pequenos ou nenhum texto);
- **Cor verde** – representa os livros com nível de leitura médio (predominam ilustrações e textos maiores, possuindo em torno de 50 páginas ou pouco mais/menos);
- **Cor vermelha** – representa os livros com nível de leitura fluente (predominam textos grandes, com muitas páginas, que possuem vocabulário mais complexo ou obras em outras línguas) e livros para jovens e adultos;

- Cor preta – representa os livros informativos.

Também é utilizada a classificação com sinalização por figuras (conforme Quadro 1), definida como:

**Quadro 1 – A sinalização figurativa da classificação**

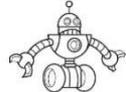
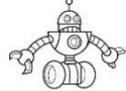
Sinalização figurativa	Sinalização verbal
	Livro – Informativos
	Coração - Histórias românticas/Comédias
	Super-herói - Ação/Aventuras
	Detetive - Suspenses/Mistério/Terror/Ficção Policial
	Robô - Ficção científica
	Fantasma - Fantasias/Realismo mágico/Sobrenaturais
	Símbolos sonoros - Poesias/Cordel/Cantiga
	Pincel - Novelas, Contos, Crônicas
	Máscara - Peças/Roteiros
	Balão de fala - Quadrinhos/Mangás
	Lápis – Outros

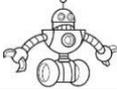
Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

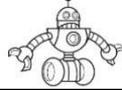
Já no ordenamento dos documentos nas estantes (Quadro 2), a sinalização é composta pela marca de classificação, a figura que representa o gênero/assunto e a cor que representa o nível de leitura.

**Quadro 2 – Ordenação dos documentos**

MARCA DE CLASSIFICAÇÃO	GÊNEROS/ASSUNTOS	SINALIZAÇÃO
1	NÍVEL DE LEITURA 1	

1INF	Livro – Informativos	
1RC	Coração - Histórias românticas/Comédias	
1AA	Super-herói - Ação/Aventuras	
1SMTF	Detetive - Suspenses/Mistério/Terror/Ficção Policial	
1FC	Robô - Ficção científica	
1FRS	Fantasma - Fantasias/Realismo mágico/Sobrenaturais	
1PC	Símbolos sonoros - Poesias/Cordel/Cantiga	
1NCC	Caneta - Novelas, Contos, Crônicas	
1PR	Máscara - Peças/Roteiros	
1QM	Balão de fala - Quadrinhos/Mangás	
1...	Lápis – Outros	
<b>2</b>	<b>NÍVEL DE LEITURA 2</b>	
2INF	Livro – Informativos	
2RC	Coração - Histórias românticas/Comédias	
2AA	Super-herói - Ação/Aventuras	
2SMTF	Detetive - Suspenses/Mistério/Terror/Ficção Policial	
2FC	Robô - Ficção científica	
2FRS	Fantasma - Fantasias/Realismo mágico/Sobrenaturais	
2PC	Símbolos sonoros - Poesias/Cordel/Cantiga	

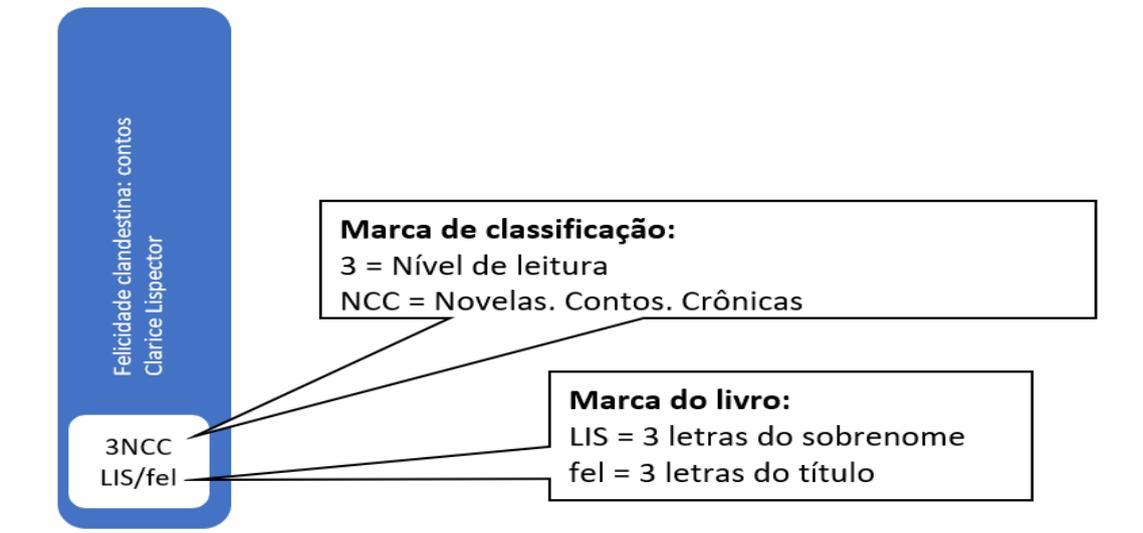
2NCC	Pincel - Novelas, Contos, Crônicas	
2PR	Máscara - Peças/Roteiros	
2QM	Balão de fala - Quadrinhos/Mangás	
2...	Lápis – Outros	
<b>3</b>	<b>NÍVEL DE LEITURA 3</b>	
3INF	Livro – Informativos	
3RC	Coração - Histórias românticas/Comédias	
3AA	Super-herói - Ação/Aventuras	
3SMTF	Detetive - Suspenses/Mistério/Terror/Ficção Policial	
3FC	Robô - Ficção científica	
3FRS	Fantasma - Fantasias/Realismo mágico/Sobrenaturais	
3PC	Símbolos sonoros - Poesias/Cordel/Cantiga	
3NCC	Pincel - Novelas, Contos, Crônicas	
3PR	Máscara - Peças/Roteiros	
3QM	Balão de fala - Quadrinhos/Mangás	
3...	Lápis – Outros	
<b>4</b>	<b>NÍVEL DE LEITURA 4</b>	
4INF	Livro – Informativos	
4RC	Coração - Histórias românticas/Comédias	
4AA	Super-herói - Ação/Aventuras	

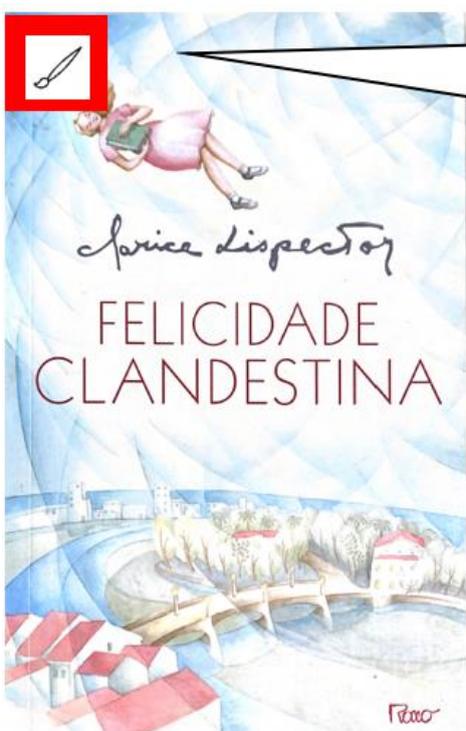
4SMTF	Detetive - Suspenses/Mistério/Terror/Ficção Policial	
4FC	Robô - Ficção científica	
4FRS	Fantasma - Fantasias/Realismo mágico/Sobrenaturais	
4PC	Símbolos sonoros - Poesias/Cordel/Cantiga	
4NCC	Pincel - Novelas, Contos, Crônicas	
4PR	Máscara - Peças/Roteiros	
4QM	Balão de fala - Quadrinhos/Mangás	
4...	Lápis – Outros	

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A seguir exemplificamos de que forma essa sinalização aparece no livro.

Figura 1 - Marcas e sinalizações da classificação





**Sinalizações da classificação:**  
Vermelho = nível 3 de leitura  
Pincel = Novelas, Contos, Crônicas

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Como representado nas figuras anteriores, as marcas de classificação não seguem os sistemas de notação mais utilizados pelas instituições bibliotecárias brasileiras como a CDD e a CDU. No caso da Biblioteca da Comunidade São José foi necessária a criação de um sistema personalizado que pudesse ser de fácil entendimento quanto à forma de organização.

## 6 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

No âmbito deste estudo, o processo da representação descritiva constituiu-se de duas etapas fundamentais, a descrição bibliográfica e a definição dos pontos de acesso de nomes. Para Santos e Corrêa (2009), a etapa da descrição bibliográfica pode ser compreendida como a “representação sintética e codificada das características de um recurso informacional de forma a garantir sua unicidade em um conjunto de recursos disponíveis em ambientes informacionais”. Enquanto que a definição dos pontos de acesso de forma está relacionada à indicação de nomes de pessoas e instituições, pelo qual se pode buscar, identificar e encontrar um registro bibliográfico e de autoridade.

Os principais instrumentos adotados para a descrição bibliográfica e a definição dos pontos de acesso para nomes de pessoas foram o código de catalogação *Resource Description and Access* (RDA) e o formato de intercâmbio MARC 21. De acordo com Oliver (2011), o RDA é um conjunto de diretrizes e instruções sobre a formulação de dados que servem de apoio ao descobrimento de recursos. Silva *et al.* (2017) complementam sinalizando que o RDA foi lançado em 2010 para substituir o AACR2, pois possui uma estrutura extensível e flexível, escopo ampliado, baseado numa estrutura teórica, foco no usuário e é adaptado às atuais tecnologias de informação e projetado para o ambiente digital. O RDA por se tratar de uma norma de conteúdo, não está atrelada a um único esquema de codificação de dados. Dessa forma, a CSJ adotou o padrão de metadados MARC 21 para codificação dos dados bibliográficos e de autoridades.

Para a descrição dos dados de autoridades de pessoas utiliza-se como principal fonte de informação o catálogo de autoridades da Library of Congress e os vocabulários de valores VIAF e a Wikipédia. Os principais campos e orientações estabelecidos para a descrição das autoridades da Comunidade São José, além dos metadados administrativos, são: **003** para a sigla da instituição que está cadastrando [**\$a** BR-GoCSJ]; **008** para registrar os elementos de dados definidos por posição que fornecem informações sobre o registro como um todo ou sobre aspectos especiais de cada documento; **024** para inserir o identificador único de pessoas como o VIAF; **040** para informar a sigla, o idioma do qual o registro se destina e a norma adotada para o registro, por exemplo, [**\$a** BR-GoCSJ **\$b** por **\$e** rda]; **046** para datas especiais como nascimento e falecimento; **100** para a forma estabelecida de um nome pessoal, na CSJ insere-se no subcampo **\$d** os anos de nascimento e de falecimento; **370** insere-se a cidade associada ao nascimento, falecimento e o país com o qual a pessoal é identificada; **372** destina-se ao campo de atividade da autoridade; **374** para a ocupação da autoridade; **375** para o gênero com o qual a pessoa se identifica; **377** para registrar o código que identifica o idioma que uma pessoa utiliza para publicação; **400** para remissivas ver; **500** para remissivas ver também e **678** para descrever uma breve declaração fornecendo informações biográficas sobre um indivíduo - normalmente utiliza-se a Wikipédia para este campo, conforme pode ser observado no quadro 3.

**Quadro 3** - Exemplo de registro de autoridades utilizando o formato MARC 21 e RDA

Campo	Descrição do campo	Orientação RDA	Descrição
003	Identificador do número de controle	Sigla da instituição que está cadastrando o recurso.	<b>\$a</b> BR-GoCSJ
008	Campos fixos	Os elementos de dados definidos por posição que fornecem informações sobre o registro como um todo ou sobre aspectos especiais de cada documento.	970922n   acnnaab     a aaa   d
024	Outros padrões de identificação	Inserir o identificador único de pessoas como VIAF, ORCID, Lattes.	(Ind.1) <b>7</b> (Ind.2) <b>#\$a</b> <a href="http://viaf.org/viaf/71388952">http://viaf.org/viaf/71388952</a> <b>\$2</b> VIAF
040	Fonte de catalogação	O idioma do catálogo ao qual o registro se destina. Para catálogos brasileiros [por]	(Ind.1) <b>#</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> BR-GoCSJ <b>\$b</b> por <b>\$e</b> rda
046	Datas Especiais codificadas	Data completa ou ano de nascimento (\$f) e falecimento da pessoa (\$g), se for o caso.	(Ind.1) <b>#</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$f</b> 1890-09-15 <b>\$g</b> 1976-01-12
100	Ponto de acesso autorizado - Nome de pessoa (NR)	A forma estabelecida de um nome pessoal. Normalmente se colocam os anos de nascimento e morte da autoridade.	(Ind.1) <b>1</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> Christie, Agatha <b>\$d</b> 1890-1976
370	Local associado (R)	Normalmente se colocam os anos de nascimento e morte da autoridade. País com o qual a pessoa é identificada.	(Ind.1) <b>#</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> Torquay, Inglaterra <b>\$b</b> Wallingford, Inglaterra <b>\$c</b> Inglaterra
372	Campo de atividade (R)	Uma área ou especialidade na qual uma pessoa atua ou atuou.[2]	(Ind.1) <b>#</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> Literatura
374	Ocupação (R)	Uma profissão ou ocupação na qual uma pessoa trabalha ou trabalhou.[3]	(Ind.1) <b>#</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> Escritor
375	Gênero (R)	Gênero com o qual a pessoa se identifica.	(Ind.1) <b>#</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> Feminino
377	Idioma associado (R)	Um código que identifica o idioma que uma pessoa utiliza para publicação, comunicação etc. ou no qual uma obra está expressa.	(Ind.1) <b>#</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> eng
400	Remissiva ver – Nome pessoal (R)	Uma remissiva “ver” a partir de um nome pessoal não usado em um cabeçalho estabelecido.	(Ind.1) <b>1</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> Christie, Agatha Miller <b>\$d</b> 1890-1976
400	Remissiva ver – Nome pessoal (R)	Uma remissiva “ver” a partir de um nome pessoal não usado em um cabeçalho estabelecido.	(Ind.1) <b>1</b> (Ind.2) <b>#</b> <b>\$a</b> Christie, Agatha Mary Clarissa Miller <b>\$d</b> 1890-1976

500	Remissiva ver também – Nome pessoal (R)	Uma remissiva “ver também” relacionando um nome pessoal usado com cabeçalho estabelecido.	(Ind.1) <b>1</b> (Ind.2) # <b>\$a</b> Westmacott, Mary <b>\$d</b> 1890-1976
500	Remissiva ver também – Nome pessoal (R)	Uma remissiva “ver também” relacionando um nome pessoal usado com cabeçalho estabelecido.	(Ind.1) <b>1</b> (Ind.2) # <b>\$a</b> Mallowan, Agatha Christie <b>\$d</b> 1890-1976
678	Dados bibliográficos ou históricos (R)	Breve declaração fornecendo informações biográficas sobre um indivíduo.	(Ind.1) <b>1</b> (Ind.2) # <b>\$a</b> Foi uma escritora britânica que atuou como romancista, contista, dramaturga e poetisa. Destacou-se no subgênero romance policial, tendo ganhado popularmente, em vida, a alcunha de "Rainha/Dama do Crime" ("Queen/Lady of Crime", no original em inglês). <b>\$u</b> <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Agatha_Christie">https://pt.wikipedia.org/wiki/Agatha_Christie</a>

Fonte: Silva, Guimarães e Prado (2024).

Para a descrição dos dados bibliográficos, utiliza-se como fonte de informação o próprio recurso e, como apoio na descrição, utiliza-se o catálogo da Library of Congress e o Catálogo da Biblioteca Nacional. Os principais campos e orientações estabelecidos para a descrição de dados bibliográficos da CSJ são: **003** para o código da instituição catalogadora; **008** para registrar informações sobre o registro como um todo, assim como aspectos bibliográficos do documento que está sendo catalogado; **020** para o número normalizado ISBN; **035** como número de controle utilizando quando o registro for importado de outra instituição; **040** destinado para a sigla da instituição catalogadora, idioma da catalogação, agência que executou a transcrição, agência modificadora e norma de descrição; **084** para o número de classificação não contemplado nas tabelas CDD e CDU; **100** entrada para nome pessoal; **110** para a entrada principal pela entidade; **245** título, subtítulo e indicação de responsabilidade; **250** para indicar dados da edição; **264** para informações relativas à publicação, como local de publicação, editora, ano de publicação e/ou copyright; **300** para descrição física; **336** para indicar o tipo geral do recurso; **337** para a tipologia de mídia; **338** para o tipo de suporte; **490** para a indicação da série; **5XX** campos destinados para o preenchimento de notas diversas sobre o documento; **650** para atribuir os assuntos; **700** para as entradas secundárias de pessoas; **710** para as entradas secundárias de entidades; **830**

para secundárias de série e **942** campo de definição de material do registro, obrigatório no sistema Koha.

Já o sistema utilizado para a catalogação dos livros foi o Koha<sup>1</sup>, por se tratar de um sistema gratuito e que permite a customização a depender do público-alvo atendido.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa buscou apresentar um relato de experiência da estruturação da Biblioteca da Comunidade São José em Aparecida de Goiânia-GO. O projeto de implantação, permitiu o aprendizado dos estudantes participantes do projeto, bem como o desenvolvimento de projetos e sistemas adaptados a uma realidade com um público específico, tanto nos processos de seleção quanto de organização e tratamento do acervo.

Para a comunidade atendida, trata-se de um espaço em que crianças, adolescentes e responsáveis podem usufruir de um acervo rico a fim de promover as práticas de leitura em diferentes níveis. Entretanto, o espaço em si da biblioteca ainda encontra-se em desenvolvimento, dependendo da liberação de local adequado.

Até agora, todo o acervo foi catalogado e a sinalização por cores e figuras colocadas nos livros, inclusive com a colocação de etiquetas com as marcas de classificação. Depois disso, o acervo será enviado para o espaço da igreja e montado no salão de eventos. Por fim, outra etapa a ser implementada é a dinamização do acervo por meio de contação de histórias, palestras e rodas de leitura.

Entende-se que pesquisas futuras podem enfatizar a especificação sobre o contexto de atuação da equipe - docentes e discentes integrantes do projeto. Além disso, há possibilidade de explanação das outras atividades envolvidas na estruturação da biblioteca, no que diz respeito à dinâmica de formação do acervo e ao processo decisório-gerencial relativo ao software de automação.

---

<sup>1</sup> Koha é um software livre de código aberto lançado na Nova Zelândia na virada do milênio. O seu desenvolvimento foi patrocinado por bibliotecas de diferentes tipos e tamanhos, além de voluntários e empresas ao redor de todo o mundo. Ele é considerado o primeiro sistema completo de gestão de bibliotecas e centros de documentação em formato de software livre e aberto. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/assuntos/informacao-cientifica/koha>.

## REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Cristian do Nascimento. A formação do bibliotecário e as bibliotecas comunitárias. **Informe**: Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação. Recife, v. 1, n.1, p. 50-64. 2012.
- CALVACANTE, Lidia Eugenia. FEITOSA, Luiz Tadeu. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 121 – 130. março 2011. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/18208/1/2011\\_art\\_lecavalcante.pdf](http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/18208/1/2011_art_lecavalcante.pdf). Acesso em: 06 nov. 2019.
- DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. **Análise de assunto**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2013. 115 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GOTTI, Alessandra. Os desafios da Educação brasileira em 2019: linhas e cores. **Nova escola**, 30 jan. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/15432/os-desafios-da-educacao-brasileira-em-2019-linhas-e-cores>. Acesso em: 26 nov. 2019
- GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994. 540 p.
- MACHADO, E. C. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **RDBCi**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 80–94, 2009. DOI: 10.20396/rdbci.v7i1.1976. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; GRACIOSO, Luciana de Souza. Tratamento temático da informação a partir dos trabalhos publicados nos anais do capítulo brasileiro de ISKO: pontos de partida, identidade nacional e agentes epistêmicos. *In*: SIMÕES, Maria da Graça; LIMA, Gercina Ângela de (coord.). **Do tratamento à organização da informação**: reflexões sobre concepções, perspectivas e tendências. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p. 49-82.
- MILANESI, Luis. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.
- OLIVER, Chris. **Introdução à RDA**: um guia básico. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011. 153 p.
- ORTEGA, Cristina Dotta. Fundamentos e métodos de ordenação de documentos. *In*: ORTEGA, Cristina Dotta; SILVA, Camila Mariana Aparecida da; SANTOS, Marcelo Nair dos. **Ordenação de documentos na atividade bibliotecária**. Brasília: Briquet de Lemos, 2016. p. 6-43.

ORTEGA, Cristina Dotta; SILVA, Camila Mariana Aparecida da; SANTOS, Marcelo Nair dos. **Ordenação de documentos na atividade bibliotecária**. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

SALDANHA, Gustavo Silva; SALES, Rodrigo de; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. Reflexões sobre os conceitos de tratamento da informação e de organização da informação. In: SIMÕES, Maria da Graça; LIMA, Gercina Ângela de (coord.). **Do tratamento à organização da informação**: reflexões sobre concepções, perspectivas e tendências. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p. 23-48.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; CORRÊA, Rosa Maria Rodrigues. **Catálogo**: trajetória para um código internacional. Niterói: Intertexto, 2009. 80 p.

SILVA, Luciana Candida da *et al.* O código RDA e a iniciativa BIBFRAME: tendências da representação da informação no domínio bibliográfico. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 130-156, set./dez. 2017.

SILVA, Luciana Candida da; GUIMARÃES, Guilherme Camargo; PRADO, Cassia Braga do. **Diretrizes para catalogação de autoridades**: RDA e MARC 21 para dados de autores da literatura infantil. 2024. Documento submetido.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, maio/ago. 2004.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; BRÄSCHER, Marisa; SILVA, Eva Cristina Leite da; KARPINSKI, Cezar. A Escola de Chicago e a dimensão temática da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 211-228, jan./mar. 2020.